

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: OESP

Class.: Apurina APR 00001

Data: 07/12/76

Pg.: _____

Funai retoma para índios área ocupada por fazenda

7/12/76

**Do enviado especial
e do correspondente**

Com o auxílio de agentes federais armados de metralhadoras, o chefe da ajuda da Funai no Acre, José Porfírio de Carvalho, seqüestrou quinta-feira passada uma fazenda junto à BR-317, a 45 quilômetros de Boca do Acre, no Estado do Amazonas, instalada em terras pertencentes aos índios apurinas e "adquiridas" em 1972 pelo investidor paulista João Sorbille.

Na quarta-feira, Carvalho enviou ofício ao fazendeiro, exigindo que se retirasse em 24 horas. Decorrido o prazo, tomou a fazenda e estabeleceu um outro, de 7 dias, para que Sorbille retire suas máquinas e equipamentos, enquanto os agentes federais, acompanhados do indigenista Celso Horst, permanecem guardando a propriedade. Este segundo prazo termina hoje, sob um clima de forte tensão. Sorbille, mostra-se inclinado a solicitar um novo prazo, de 10 dias, para que possa tentar uma solução em Brasília. Mas ele também admitiu que poderia cometer "uma loucura", insinuando uma vingança contra o chefe da Funai, a quem atribui o comportamento de quem está empenhado numa "guerra muito pessoal".

É possível, por outro lado, que o episódio comece a preocupar outros investidores do Centro-Sul que adquiriram terras na região, sobretudo considerando-se que a Funai deverá demarcar outras áreas indígenas no Estado, até 1978. Queixando-se de não ter condições de lutar contra "um órgão poderoso, com poder de polícia, Sorbille diz que terá prejuízos superiores a 3 milhões de cruzeiros. "Desse jeito — declarou — nós que investimos em terras na região não podemos nos considerar seguros, pois basta um funcionário da Funai querer para que tudo nos seja tomado sem apelação".

TOLERÂNCIA

Os empregados de Sorbille já se retiraram da fazenda, permanecendo apenas algumas famílias de apurinas, além dos policiais e do indigenista. Os poucos posseiros existentes na área serão tolerados pela Funai "até que sua situação possa ser resolvida de forma humana". Domingo, um representante do fazendeiro já começou a retirar algumas máquinas da propriedade,

que conta com uma serraria bem montada, geradores e outros equipamentos caros. Isso poderia indicar a aceitação da medida por Sorbille, mas, segundo alguns, a análise de seus antecedentes levaria à conclusão de que o desfecho pode não ser tão pacífico.

Para a ajuda da Funai no Acre, ele não passa de um "grileiro" e "explorador de índios". Depois de adquirir uma pequena área de um seringueiro, em 1972, o fazendeiro foi ampliando-a aos poucos, de forma irregular, "com a conivência dos cartórios de Rio Branco e Boca do Acre", até atingir um total de 341 mil hectares. Em seguida retalhou a propriedade em pequenos lotes, vendendo-os a agricultores do Centro-Sul do País e conseguindo grande fortuna. Ficou com 18 mil hectares para construir sua fazenda, exatamente na área mais habitada pelos apurinas e conhecida como aldeia Sideral.

Os índios afirmam que seus problemas com o investidor paulista começaram dois anos depois que ele apareceu dizendo ter comprado a área. A princípio, Sorbille prometeu tratá-los bem, e até fazer casas novas para todos, construindo a "Cidade dos Apurinas". Mas, em 1974, já exigia que eles abandonassem o local. Alarmados, os índios consultaram o Inera, em Rio Branco, que os teria orientado para que não deixassem as terras. Sorbille, então, passou a destruir suas roças, impedindo que eles voltassem a plantar.

Para sobreviver, os apurinas tiveram que fazer roças em locais "escondidos", de modo que "o barulho de pau não chegasse na fazenda", como diz o cacique Lafaete. Embrenhando-se na mata, eles plantam batata, mi-

lho, mandioca e arroz. As roças que ficaram perto foram assoladas pelos tratores e o gado de Sorbille.

Em julho deste ano, o chefe da ajuda inteiraou-se dos fatos e procurou Sorbille, exigindo que ele pagasse 2 mil cruzeiros por uma plantação de milho destruída. E mandou que os índios atirassem nos animais que aparecessem na área cultivada. Sabendo da ordem, Sorbille chegou a ameaçar Carvalho de morte. "Se morrer um burro meu, você morre também", teria dito a Carvalho, num encontro que tiveram no aeroporto de Rio Branco. O fazendeiro continuou também com as pressões aos índios, sendo-lhe atribuída a morte de um menino filho do cacique Lafaete.

Ao saber que os agentes iriam à fazenda, Sorbille tentou armar um esquema de resistência. Interditou a pista para pouso de aviões, com a colocação de tratores, impedindo que o teco-teco dos agentes descesse na fazenda. O avião só pôde pousar em Boca do Acre e seus ocupantes foram para a fazenda de carro. Lá havia pistoleiros armados, esperando-os. Mas, ao perceber isso, um dos policiais saltou na mata e conseguiu surpreendê-los, desarmando-os.

SURUÍS

O grupo de 25 suruís liderado pelo rebelde Kadio regressou ao posto Sete de Setembro, no parque Aripuanã, depois de quase 12 dias. Sem demonstrar receio, os índios aproximaram-se da farmácia e depois seguiram para suas malocas, ainda levando as espingardas.

Agora, a Funai está preocupada com outro grupo de suruís, que não tem armas mas vive pedindo esmolas nas proximidades de Espigão do Oeste, vila localizada a 30 quilômetros da BR-364. São cerca de 80 índios que abandonaram a tribo há algum tempo para trabalhar na colonização Itaporanga. A readaptação deles à vida na comunidade é considerada muito difícil.

O posto Sete de Setembro é dirigido pelo sertanista José Bell e no momento passa por reformas administrativas, contando já com 14 funcionários para controle dos índios que há poucas semanas rebelaram-se devido à morte de um companheiro por um branco.